

## CAPÍTULO

# 1

## CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE EaD

Sem dúvida, a EaD tem se tornado cada vez mais presente no mundo contemporâneo, mostrando-se adequada para atender às exigências educacionais gerais pela sociedade globalizada, que requer dos indivíduos maior investimento em educação continuada. Entre outras vantagens, ela simplifica o acesso ao processo de ensino e aprendizagem, favorecendo pessoas que moram em lugares isolados ou que não conseguem conciliar os horários do trabalho com os horários fixos de uma instituição presencial. Além disso, amplia a oferta de cursos de graduação e pós-graduação. (CAMPOS, 2014, p. 2-3)

Neste capítulo, são feitas considerações sobre EaD no Brasil, seu impacto na História da Educação a partir de sua regulamentação pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 (BRASIL, 1996), bem como a reflexão sobre as TIC e suas influências para a construção do AVA.

A composição deste capítulo a respeito das considerações gerais sobre EaD pautou-se, principalmente, nos pressupostos teóricos de Moore e Kearsley (2010), bem como nos de Maia e Mattar (2007), ainda que existam outros autores que se referem a este assunto, para dar sustentação ao que será exposto a seguir. Moore e Kearsley (2010, p. 1) apresentam a seguinte consideração no tocante à EaD:

A ideia básica de educação a distância é muito simples: alunos e professores estão em locais diferentes durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem e ensinam. Estando em locais distintos, eles dependem de algum tipo de tecnologia para transmitir informações e lhes proporcionar um meio para interagir.

Segundo ainda Moore e Kearsley (2010), o bom uso dessas tecnologias subordina-se ao emprego de técnicas de criação e de comunicação próprias dessas tecnologias de modo a se diferenciarem daquelas que os professores, geralmente, empregam em sala de aula. Ademais, o uso dessas tecnologias aplicado à EaD demanda três fatores indispensáveis para seu efetivo desenvolvimento e realização: tempo, planejamento e recurso financeiro. Além disso, os alunos necessitam de diferentes tipos de suporte e auxílio para a resolução de diferentes problemas.

**Concepção pessoal de EaD.** Ainda que a escrita deste Livro seja um trabalho de caráter científico, caracterizado, de um modo geral, pela impessoalidade, é importante tecer algumas considerações pessoais acerca da concepção de EaD. Quem teve a oportunidade de viver durante os anos que antecederam a década de 1980 do século passado e se submeteu ao processo de ensino-aprendizagem da época, certamente vivenciou um modelo de educação extremamente diferente dos padrões educacionais praticados nos dias de hoje. Se nas décadas passadas os cursos de correspondências eram uma modalidade existente de cursos à distância, a partir da década de 90 as modernas tecnologias de informação e de comunicação se popularizaram e se consolidaram como realidade para a maioria das pessoas no Brasil e no mundo. Como bem salienta Campos (2014, p. 2),

Há algumas décadas vivenciamos novas formas de organização social, política, econômica e cultural, geradas pelo impacto das tecnologias

de informação e comunicação (TIC) nas mais diversas esferas de atividades humanas. Nesse cenário, a Internet propicia um novo universo para as ações sociais, em que as pessoas não precisam dividir o mesmo lugar e o mesmo tempo para trabalhar, comprar mercadorias, estudar.

**Gerações de EaD.** Com será visto com mais propriedade mais adiante, as primeiras sensações de mudança nas metodologias à distância, por meio das TIC no AVA, ocorreram no começo dos anos 90 do século XX, quando surgiram os microcomputadores. Enfim, em meados da última década do século XX, com o desenvolvimento explosivo e progressivo da Internet, ocorre um ponto de ruptura na história de EaD.

Hoje, de um modo geral, a EaD é uma modalidade que ocorre por meio do emprego das TIC, um conjunto de recursos tecnológicos que proporcionam a automação e/ou a comunicação de vários tipos de processos existentes, que possibilita a interação entre aquele que ensina – o professor – e aquele que aprende – o aluno – e que estão separados fisicamente no espaço<sup>1</sup> e no tempo<sup>2</sup>. Esse tipo de educação está sendo cada vez mais utilizado no processo

---

1. “Em geral, a sigla EaD é aplicada a atividade de ensino e aprendizagem em que o aluno e professor estão separados fisicamente, o que a distingue, por exemplo, da do ensino presencial. Em EaD ocorre uma separação geográfica e espacial entre o aluno e o professor, e mesmo entre os próprios alunos, ou seja, eles não estão presentes no mesmo lugar, como no caso do ensino tradicional. A EaD prescinde da presença física em um local para que ocorra educação” (MAIA & MATTAR, 2007, p. 6).

2. “Além da separação física, costuma-se também associar a EaD à separação temporal entre alunos e professores. Existem algumas atividades síncronas em EaD, ou seja, em que os professores e alunos precisam estar conectados na mesma hora, como *chats*, vídeo-conferências interativas e, mais recentemente, plataformas virtuais como o *Second Life*. Mas, na maior parte dos casos, as atividades em EaD são assíncronas, ou seja, professores e alunos estão separados pelo tempo” (MAIA & MATAR, 2007, p. 6).

de ensino-aprendizagem da Educação Superior (Graduação e Pós-Graduação), e em cursos abertos, entre muitos outros. É notória a importância dessa modalidade de educação que cresce em nível global e faz com que muitos indivíduos se beneficiem desta ferramenta que oferece muitas oportunidades de desenvolvimento sociocultural.

**Vantagens e desvantagens na EaD.** A principal diferença reside no fato de a EaD não seguir o paradigma de processo de ensino e aprendizagem da modalidade presencial, por exemplo. Uma grande vantagem, tal qual afirma Campos (2014), uma ferramenta adequada para atender as exigências educacionais da sociedade globalizada e pela simplificação do acesso ao processo de ensino e aprendizagem. No entanto, por outro lado, uma desvantagem da EaD, por exemplo, é a separação física entre professores e alunos na sala de aula, o que pode provocar, num primeiro momento, perda da motivação e não adaptação à nova modalidade de ensino e aprendizagem que tem desenho e características próprias. Para Campos (2014, p. 4),

No Brasil, nas últimas décadas, diversos pesquisadores têm se dedicado ao estudo do design instrucional na área de educação *online*. Em sua dissertação de mestrado, desenvolvida no campo da Linguística Aplicada, Wadt (2002)<sup>3</sup>, chama a atenção para o fato de que a elaboração de um design eficiente requer constantes reflexões sobre a prática pedagógica em curso vias Internet, com base em teorias no campo da linguagem e do design instrucional para ambientes digitais.

---

3. WADT, Maria Paula Salvador. **Questões de avaliação de *design* de um curso de inglês *online***. Livro de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo: PUC-SP, 2002.

**Independência e autonomia em EaD.** A EaD pode levar o estudante à independência e autonomia no que refere ao processo de ensino e aprendizagem. Além disso, contribui para a formação continuada dos estudantes mais autônomos uma vez que a autoaprendizagem é fator básico de sua realização propriamente dita. A aprendizagem autônoma possui algumas peculiaridades, a saber:

Por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente, cujas experiências são aproveitadas como recursos, e no qual o professor deve assumir-se como recurso do aprendente, considerado como um ser autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e autorregular esse processo. (BELLONI, 2015, p. 42).

Já para Peters (2012, p. 171), naquilo que se refere à EaD, “este procedimento educacional e totalmente novo, e portanto, para muitas pessoas inusitado, modifica o comportamento de aprendizagem e ainda mais o comportamento de ensino. Exige-se dos alunos muita atividade e também uma boa dose de independência”.

## **1.1 Interação em EaD**

O foco principal desta seção é descrever a modalidade de ensino conhecida como EaD, promovida pela Internet e os seus recursos físicos (TIC) e de interação (AVA). Antes de tudo, é bom esclarecer que, “embora algumas pessoas pensem que a educação a distância teve início apenas com a invenção da Internet, isso é errado” (MOORE & KEARSLEY, 2010, p. 25). O conceito de EaD no Brasil é definido oficialmente no Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005):

Art. 1º: Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Asseguram-se, assim, pelo menos três modalidades de ensino oficialmente reconhecidas no País: presencial ou convencional, à distância e a híbrida. Na educação presencial, mais conhecida como educação tradicional (ou convencional), muito comum nos cursos regulares, os professores e os alunos se encontram física e espacialmente no mesmo local em que acontece o processo de ensino-aprendizagem, isto é, na sala de aula ou num outro espaço no âmbito da instituição educacional (salas de leitura, de projeção, de palestras, de conferências, anfiteatro, biblioteca, entre outros). Na modalidade à distância, professores e alunos estão separados física e espacialmente, os contatos se efetivam por intermédio das TIC e podem ou não exigir momentos presenciais. A modalidade híbrida, intersecção da educação presencial e/ou convencional<sup>4</sup> e a distância, é caracterizada por ser semipresencial.

Convivemos, assim, com a realidade das TIC em algumas formas multimídicas na EaD, se bem que as TIC são também utilizadas na educação presencial. A construção do conhecimento na sociedade da informação e comunicação, a partir do processamento multimídico,

---

4. “Uma diferença comum entre educação a distância e educação convencional – que muitas pessoas consideram necessária para a educação a distância de alta qualidade – é que em um curso de educação a distância é comum a interação ser conduzida por instrutores especializados que desempenharam um papel reduzido, ou não tiveram participação, nos processos de criação e veiculação do curso” (MOORE & KEARSLEY, 2010, p. 16-17).

tem uma tonalidade mais livre, menos rígida e, acima e tudo, muito mais confortável por permitir ao estudante uma possibilidade de adequação do aprender aos seus interesses pessoais e adaptação às formas como são veiculadas as estratégias para a construção do conhecimento. A EaD propõe um tipo de educação em que as respostas são rápidas, instantâneas. Como qualquer modalidade educativa, precisa se amparar em um suporte pedagógico muito refletido e meticulosamente desenvolvido, pois, como afirmam Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 21),

[...] a avidez por respostas rápidas, muitas vezes, leva-nos a conclusões previsíveis, a não aprofundar a significação dos resultados obtidos, a acumular mais quantidade do que qualidade de informação, que não chega a transformar-se em conhecimento efetivo.

A EaD, ao se utilizar das tecnologias de informação e de comunicação para o desenvolvimento de conteúdos programáticos para serem transformados em conhecimento, precisa, sob essa perspectiva, dirigir seus esforços para um ensino de qualidade. Assim, nenhum sucesso será possível se a EaD atrelar-se a velhos paradigmas ou velhas práticas educacionais. Nesse sentido, pode-se dizer que a modalidade em si, como qualquer outra no plano pedagógico, não viabiliza, por si, boa ou má qualidade educacional. Para Oliveira, E. (2008, p. 11), “assim sendo, o critério fundamental para analisar essa modalidade de ensino parece não estar objetivamente na mediação tecnológica, mas, sim, na concepção didático-pedagógica que subjaz tanto ao suporte tecnológico quanto à sua utilização na mediação pedagógica”.

É, pois, fundamental, como afirma a mesma autora no livro “Educação a Distância na Transição Paradigmática” (2003), que a EaD, do ponto de vista de seu melhor engajamento, sustente uma

proposta pedagógica que seja “diferente” da educação presencial ou convencional. Quando a ênfase recai sobre as relações humanas, é necessário, acima de tudo, ser até mais eficaz que os cursos regulares que contam com a interação direta, presencial, entre os dois sujeitos da aprendizagem: professor/aluno.

Na EaD, a distância transacional é considerada como o espaço em que ocorre uma forma nova e diferente de comunicação – mais “espacial, virtual” e menos física – e sustenta a ideia de funcionar como importante ferramenta para estabelecer contatos pedagógicos e psicológicos entre professores e alunos (MOORE & KEARSLEY, 2010). Quanto maior a interação entre os participantes de um processo de ensino e aprendizagem, menor a distância transacional (MAIA & MATTAR, 2007). Por isso, a aprendizagem nessa modalidade acontece num espaço amplo, denominado AVA, e a interação para ensinar e aprender é realizada num processo dialógico entre o tutor (aquele que orienta e acompanha as atividades dos alunos) e o aluno, seja por teleconferência, fórum, correio eletrônico ou sala virtual. Procura-se, assim, por meio da tecnologia, dar conta de superar limites de tempo e espaço entre o estudante e o tutor.

A modalidade de EaD realizada em ambientes virtuais de aprendizagem colabora e pode colaborar ainda mais para a formação do indivíduo, uma vez que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 2005).

Sob esse ângulo, a EaD tem uma grande relevância social à medida que oferece oportunidade de aprendizagem, por meio do acesso às várias possibilidades de ensino, àquelas pessoas que, de uma forma ou outra, vêm sendo excluídas do processo educacional: um expressivo contingente de alunos que, seja



por questões financeiras, por dificuldades de locomoção de um local para outro, por residirem distante da instituição de ensino ou por indisponibilidade de horário não conseguem frequentar, presencialmente, um curso regular. Nesse sentido, a EaD oferece um bom serviço porque permite ao aluno a possibilidade de profissionalização, bem como seu desenvolvimento geral, a partir do momento em que se adéqua a essa modalidade de ensino não-convencional.

Evidentemente, nem tudo é simples ou imediatamente realizável. Para efetivar-se como ensino de qualidade, são necessárias mudanças tanto na estrutura escolar quanto na metodologia educacional das universidades e/ou faculdades. Como bem salienta Oliveira, (2008, p. 12),

O desafio que se apresenta é buscar novos referenciais e novas mediações que possam atender a espaços e tempos diferentes, submetidos, também, a contextos diferentes. Esse novo jeito de conceber o processo de ensinar/aprender a distância deve afastar-se do modelo estandardizado e massificado de EAD, pertinente à racionalidade técnica, para compor projetos de caráter mais local e destinado a determinados contextos, tomando por base as condições e possibilidades concretas das instituições e alunos que deles venham participar.

A EaD, enfim, representa, do ponto de vista pedagógico, uma boa alternativa para o desenvolvimento educacional, à medida que oferece, senão as condições ideais para tornar possível a efetivação do processo de ensino-aprendizagem, conforme as particularidades de cada um, pelo menos uma oportunidade de aprendizagem no formato de estudos à distância, a serem realizados por meio do AVA.

**Diferença entre interação e interatividade.** Nos verbetes de dicionário, o vocábulo interação é definido como uma ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas ou mais pessoas; já a interatividade refere-se a uma capacidade de interagir ou permitir interação por meio de equipamentos, sistemas de comunicação, computadores e outras mídias tecnológicas. O ambiente de interatividade modifica o espaço e o tempo de interação, gera novos espaços e novas velocidades, de sorte que “o mesmo movimento que torna contingente o espaço-tempo ordinário abre novos meios de interação e ritmos de cronologias inéditos” (LÉVY, 1996, p. 22).

**Tipos de interação.** Sempre que se fala a respeito de interação na EaD deve-se observar que a interação ocorre por meio de três formas específicas, a saber: aluno/material didático; relação aluno/professor; aluno/aluno. O primeiro tipo de interação refere-se ao contato que o aluno tem com o material apresentado para estudo. “Esta interação do aluno com o conteúdo representa uma característica definidora da educação, que é um processo de aprendizado planejado de determinado conteúdo, auxiliado por um professor ou por professores” (MOORE & KEARSLEY, 2010, p. 152).

O segundo tipo de interação é a interação do aluno com o instrutor e/ou instrutores que auxiliam os alunos a interagir com os conteúdos por meio do incentivo e estímulos com a intenção de fazer com que o aluno tenha interesse pela matéria que ele tem que aprender. Nesse sentido, os professores ajudam os alunos colocarem em prática aquilo que eles aprenderam, além de serem responsáveis por testes e avaliações formais e informais. “Por fim, os instrutores, proporcionam conselhos, apoio e incentivo a cada aluno, embora a extensão e a natureza desse apoio variem de acordo com o nível educacional dos alunos, a personalidade e filosofia do professor e outros fatores situacionais e organizacionais” (MOORE & KEARSLEY, 2010, p. 152).

A terceira forma de interação corresponde ao relacionamento aluno/aluno, caracterizada, principalmente, pela interação dos alunos, da interação de um aluno com outros alunos. “Dois tipos diferentes de interação estão incluídos neste caso: internamente nos grupos e entre os grupos, que ocorrem nos programas baseados na tecnologia de teleconferência. O outro é a interação de aluno para aluno em ambiente *online*, quando as pessoas não se reúnem face a face e seu grupo – se houver – é um grupo virtual” (MOORE & KEARSLEY, 2010, p. 152).

## 1.2 EaD no Brasil

A EaD, no Brasil, atravessou três grandes períodos ou gerações. Segundo Maia e Mattar (2007, p. 21-22),

A primeira geração ocorreu quando o meio de comunicação era o texto, e a instrução, por correspondência. A segunda geração foi o ensino por meio da difusão do rádio e pela televisão. A terceira geração não foi muito caracterizada pela tecnologia de comunicação, mas preferencialmente, pela invenção de uma nova modalidade de organização da educação, de modo mais notável nas *universidades abertas*.

Como bem afirmam os autores supracitados, a primeira geração pautou-se por cursos por correspondência datados do século XIX. Nessa modalidade primeira, há registros de cursos oferecidos por meio de anúncios de jornais e cartazes em veículos de transporte de massa. A segunda geração surgiu com o advento de novas mídias (a televisão, o rádio, fitas de vídeo e o telefone) e universidades abertas. A terceira geração introduziu a utilização do videotexto, do microcomputador, da tecnologia de multimídias, do hipertexto e de rede de computadores, caracterizando a EaD *online*.

Hoje, como é fácil constatar, o crescimento do mercado de EaD é explosivo no Brasil e no mundo. Como já se disse na Introdução desta pesquisa, no Brasil, a EaD é institucionalizada nos termos das LDB como forma específica de se promover educação ao indivíduo na modalidade de EaD e, do ponto de vista de sua efetivação, ela é organizada sistematicamente pelas TIC que se combinam entre si (plataformas virtuais, *chats*, videoconferências, entre outros). Maia e Mattar (2007, p. 23), em “ABC da EaD: a educação a distância hoje”, afirmam que

Comparando o desenvolvimento da EaD no Brasil com a experiência mundial, algumas diferenças saltam aos olhos. Em um primeiro momento, a EaD brasileira segue o movimento internacional, com a oferta de cursos por correspondência. Entretanto, mídias como o rádio e a televisão serão exploradas com bastante sucesso em nosso país, por meio de soluções específicas e muitas vezes criativas, antes da introdução da Internet. Além disso, no Brasil, a experiência das universidades abertas é retardada praticamente até hoje, com a recente criação da Universidade Aberta do Brasil.

Quando se fala a respeito do contexto da EaD no Brasil, faz-se necessário levar em consideração duas situações distintas: a primeira refere-se ao contexto da EaD no território brasileiro; quanto à segunda, não se deve desconsiderar o contexto internacional, uma vez que, no mundo globalizado, as duas situações justapostas (contexto interno e externo da EaD) apresentam o reflexo das mudanças estruturais por que passa o campo de educação. Sob esta perspectiva, faz profundo sentido o seguinte pressuposto das LDB:

A análise dos problemas enfrentados pelo Brasil na área de educação deve, necessariamente, considerar o contexto internacional. Ao iniciar

o século XXI, os países enfrentam um sem-número de desafios para sua sobrevivência. É muito importante a parcela desses desafios a ser enfrentada pela educação, cuja responsabilidade é a preparação de todos os cidadãos para interagir completamente com as mudanças já existentes e com as que estão por vir e assegurar para o país um lugar privilegiado no concerto futuro das nações. (LDB, 2002, p. 293)

Como bem asseveram Moran, Masetto e Behrens (2000), todos da sociedade contemporânea, globalizada e midiaticizada por todos os tipos de interfaces e processamentos de informação e comunicação, estão experimentando uma sociedade que está mudando suas formas de organizar-se, de produzir bens, de comercializá-los, de divertir-se, de ensinar e de aprender. Assim, pode-se dizer que a EaD constitui-se como movimento que proporciona nova opção no campo da educação, nova crença, novo comportamento, novo hábito utilizado por uma comunidade.

É nesse sentido, como foi dito na Introdução, que se sustenta a proposta principal deste Livro, a irrupção do movimento retórico no universo digital, isto é, a reação discursiva sobre as opiniões e valores ligados à eficácia da transmissão de conteúdos para a formação humana, mais especificamente para os alunos de EaD. “A ideia de educação a distância é muito simples: alunos e professores estão em locais diferentes durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem e ensinam. Estando em locais distintos, eles dependem de algum tipo de tecnologia para transmitir informações e lhes proporcionar um meio de interagir” (MOORE & KEARSLEY, 2010, p. 1). Nesse espaço de interlocução modificado tecnologicamente, afloram as paixões e os movimentos opinativos e sobre eles refletiremos ao longo da escrita deste Livro.

### 1.3 TIC e EaD

A EaD, na sua mais estrita forma de efetivação, como proposta de ensino e de aprendizagem, por intermédio da mediação das tecnologias de informação e de comunicação, se apresenta sob uma multiplicidade de formas. A fórmula mais comum de desenvolvimento dessa modalidade se dá, predominantemente, por meio da mídia *online*. Isso não significa, como já se afirmou, que a EaD seja 100% *online*, porque há modalidades de EaD em que os estudantes se encontram presencialmente pelo menos uma vez por mês, ou quinzenalmente, como é o caso da modalidade semipresencial – híbrida.

Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvida, as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, além de estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estar conectados (MORAN, MASETTO & BEHRENS, 2000).

Nesse sentido, as TIC passam a ter um papel relevante, porque não há mais como negar que o uso das TIC no processo de ensino-aprendizagem a distância é uma realidade no Brasil e no mundo. Mas ainda resta, no discurso do senso comum, um pouco de desconfiança quanto ao uso das modernas tecnologias de informação e de comunicação entre os indivíduos e sua aplicabilidade na EaD.

Como bem assevera Oliveira, (2008), a introdução de sofisticados recursos tecnológicos em velhas práticas e paradigmas educacionais não representa por si só uma inovação pedagógica. É necessário que todos os aparatos e ferramentas das TIC esforcem-se para ir ao encontro das expectativas do serviço oferecido ao aluno e não de encontro a essas mesmas expectativas. Como assevera a própria autora, as propostas de EaD não devem estar estritamente voltadas para o uso das TIC, mas deve, também, ser concebida sob

o viés e concepção dos conteúdos de aprendizagem, a fim de que o suporte tecnológico tenha sentido quanto à sua utilização.

É necessário que haja uma mediatização no uso das ferramentas das modernas TIC e o processo de educação em si. A mediatização, por intermédio das novas TIC, deve estar presente na análise das relações entre tecnologia e educação, isto é, os artefatos criados (tecnologia) pelo homem como formas de conhecimento. Devem, obrigatoriamente, estar afinados com as situações de ensino e aprendizagem (educação). Deve-se tomar este cuidado porque

Na Educação a Distância (EaD), a interação entre o professor com o aluno é indireta e tem de ser mediatizada por uma combinação dos mais adequados suportes técnicos de comunicação, o que torna essa modalidade de educação bem mais dependente de mediatização que a educação convencional, do que decorre a grande importância dos meios tecnológicos. [...] A interação entre o professor e estudante ocorre de modo diferente no espaço (a distância descontígua) e no tempo (comunicação diferida, não simultânea), o que acrescenta complexidade ao já bastante complexo de ensino e aprendizagem. (BELLONI, 2015, p. 58)

Como se pode depreender, a partir do processo de mediatização, para que haja a compreensão das TIC no campo de educação, faz-se necessário que elas sejam consideradas como “ferramentas pedagógicas” e não apenas como ferramentas técnicas. porque

A introdução de uma inovação técnica na educação deve estar orientada para uma melhoria de qualidade e da eficácia do sistema e para priorizar os objetivos educacionais e não as características técnicas, sem esquecer,

no entanto, a enorme influência global dessas ferramentas intelectuais da sociedade. (BELLONI, 2015, p. 66)

Enfim, como bem assevera Oliveira, L. (2014), esta grande revolução por que passou (passamos da Era da Industrialização para a Era da Informação e do Conhecimento) o homem por meio do surgimento de novas tecnologias pode perfeitamente ser comparada com a “teoria de evolução das espécies”, de Charles Darwin, ou até mesmo à “teoria heliocentrista” dos grandes astrônomos do período clássico do Renascimento, na medida em que esta mudança propõe um novo *modus operandi* não só do ensino, mas de toda a prática educativa do professor em sala de aula.

Poder-se-ia até mesmo dizer que a prática educativa sem o emprego das novas tecnologias coloca o profissional em uma posição de desvantagem, porque, de um modo geral, todos, em menor ou maior grau, já estão familiarizados com seu uso, principalmente o aluno, que já se adaptou à nova modalidade de ensino que requer dele uma nova postura e uma nova forma de interagir com as TIC. É necessário que a tecnologia educacional e comunicação educacional, então, se engajem para mediatizar, considerando-se que

Do ponto de vista de produção de materiais para a EaD, mediatizar significa definir as formas de apresentação de conteúdos didáticos, previamente selecionados e elaborados, de modo a construir mensagens que potencializem ao máximo as virtudes comunicacionais do meio técnico escolhido no sentido de compor um documento autossuficiente, que possibilite ao estudante realizar sua aprendizagem de modo autônomo e independente. (BELLONI, 2015, p. 69)



## 1.4 AVA

No terceiro tópico deste capítulo abordou-se o contexto da EaD no Brasil; no quarto tópico, as TIC; neste terceiro momento, a ênfase recai sobre o AVA. Pergunta inicial indispensável: O que é virtual? “O virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a plenitude da presença física imediata” (LÉVY, 1996, p. 12). Assim como há no processo de ensino e aprendizagem uma relação direta entre aquele que ensina e aquele que aprende, há, da mesma forma, na EaD, uma relação direta entre AVA e TIC.

Como é de conhecimento de todos quantos já utilizaram, o AVA constitui-se de um conjunto de recursos da moderna tecnologia disponíveis na Internet e nele são disponibilizadas ferramentas que tornam possíveis o acesso a atividades de caráter educacional (cursos, disciplinas, planos de ensino) e que, na sua estruturação funcional, permite a interação (a interação envolve trocas entre os sujeitos, enquanto que a interatividade envolve um contato com as tecnologias atuais) entre monitores, professores e alunos, todos engajados no processo de ensino-aprendizagem.

A interação entre alunos, professores e monitores, no AVA, pode ser entendida como a capacidade de o usuário interagir com uma máquina (o computador, o microcomputador, o *notebook*, o *laptop*, os celulares com acesso Internet entre muitos outros meios multimídicos das TIC). Para realçar a importância da interação por meio das TIC no AVA, entre docentes e discentes, Belloni (2015, p. 62-63) diz que

As facilidades inéditas de comunicação oferecida pelas TIC vêm modificar fortemente as possibilidades de interação a distância – simultânea ou diferida –, pondo à disposição

dos sistemas, de seus estudantes e professores técnicas rápidas, seguras, eficientes e, em alguns casos, mesmo baratas, como o *e-mail*, por exemplo.

Nos primeiros parágrafos que iniciaram o assunto deste subtópico, a expressão “Ambiente Virtual de Aprendizagem” foi apresentada de uma forma direta, sem que nos detivéssemos na significação de cada palavra que a compõe, em especial, a palavra “virtual”. É importante a definição da palavra em questão, do ponto de vista linguístico, por causa de uma intenção meramente didática.

Do ponto de vista etimológico, a palavra “virtual” vem do latim medieval *virtualis*, uma derivação de *virtus*, força e/ou potência e, diferentemente do que muitos pensam, o termo, como anteriormente Lévy (1996) citou, tem apenas uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. É esta impressão que se tem daquilo que é virtual, algo que está e não está presente; está presente como um objeto ausente, mas, interativo, porém, não está presente na corporeidade (estudante e professores e monitores não estão presentes no tempo e no espaço). Assim,]No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a ‘realidade’ supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do ‘tenho’, enquanto o virtual do “terás”, ou da ilusão, o que permite geralmente o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização. (LÉVY, 1996, p. 15)

Visto sob esta perspectiva, o virtual pode ser considerado como a existência de uma ausência, isto é, de um objeto ausente no tempo e no espaço, porém, presente em algum lugar, por meio da interação entre os sujeitos nas TIC. É possível, então, estabelecer a seguinte comparação: assim como o virtual é caracterizado como a presença de uma ausência, no tempo e no espaço bem definidos, da mesma forma, em uma semente, está presente a existência de uma árvore que não tem existência real como semente, mas está

para o vir-a-ser visto que ela está contida na presença do objeto que lhe dará sentido no seu devido tempo e lugar: a semente propriamente dita. A diferença entre possível e real é, sob essa perspectiva, puramente lógica, de sorte que o virtual não se opõe ao real, mas ao atual. Assim,

O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore. A semente é esse problema, mesmo que não seja somente isso. Isso significa que ela conhece exatamente a forma da árvore que expandirá finalmente acima da folhagem acima dela. A partir das coerções que lhes serão próprias, deverá inventá-la, coproduzi-la com as circunstâncias que encontrar. (LÉVY, 1996, p. 16)

Na modalidade de EaD ocorre uma interação entre os sujeitos em um processo de interdiscursividade. No AVA, a interação entre professor/aluno para acompanhamento das atividades previstas em plano de ensino se faz por meio de uma sala de aula virtual e pode-se dizer que representa uma grande inovação no campo da educação quando comparada com a educação presencial, por exemplo. Assim considerado, é possível afirmar que os ambientes virtuais de aprendizagem criaram uma nova modalidade de ensino, diferentemente, portanto, da sala de aula tradicional/convencional/presencial e favoreceram, do ponto de vista das TIC, a interação entre vários sujeitos.

O processo de interação entre professor e aluno no AVA implica alguns critérios organizacionais para a sua efetivação: o aluno, quando devidamente matriculado no curso e/ou disciplina, recebe um *login* com uma senha de acesso ao sistema no início da realização das atividades previstas durante o semestre ou ano letivo. É por intermédio deste *login* e senha que o aluno mantém contato com a instituição cedente do curso ou disciplina que está

cursando. Esta é apenas uma das várias formas de se viabilizar a interação entre quem aprende e quem ensina.

No AVA, são desenvolvidas as seguintes atividades: acessar conteúdos programáticos das disciplinas do curso, interagir com os colegas da sala de aula virtual por meio de bate-papo (*chat*), tirar dúvidas quanto a conteúdos, participar de discussões (fóruns), enviar e receber mensagens por meio de *e-mails* entre muitas outras atividades. Por ser o AVA uma modalidade de EaD sem a presença física no espaço e no tempo dos interlocutores (alunos, professores e monitores), não é nenhum descabro afirmar, do ponto de vista do ensino e da aprendizagem, que o sucesso do aluno está em seu comprometimento e afincamento em todas as atividades desenvolvidas. Sob esta perspectiva, pode-se falar em autoaprendizagem, uma vez que

A ideia de autoaprendizagem – ausente ou apenas implícita nas definições behavioristas e economicistas – é, no entanto, crucial para a EaD. Muito mais do que no ensino convencional, no qual a intersubjetividade pessoal entre professores e alunos e entre os estudantes promove permanentemente a motivação, na EaD o sucesso do aluno (isto é, a eficácia do sistema) depende em grande parte do estudante e de suas condições de estudo. (KEEGAN<sup>5</sup>, 1983 apud BELLONI, 2015, p. 29-30)

Todavia, se bem que a ideia de autoaprendizagem seja importante para EaD, não se pode dizer que ela é sinônimo de autoaprendizagem. Há críticas quanto à modalidade de ensino a distância. Talvez seja o problema da eficácia (ou falta de eficácia dependendo do pouco grau de comprometimento do

---

5. KEEGAN, D. On defining distance education. In: SEWART, D. et al. (Ed.). **Distance education: international perspectives**. Londres/Nova Iorque, Croomhelm/St. Martin's, 1983.

estudante) dos estudos dos alunos de EaD, a maior dentre todas as discordâncias sobre ambientes virtuais de aprendizagem entre os críticos. A experiência pessoal e a conversa com professores e alunos permitem afirmar que é sobre esta vertente problemática do AVA (a falta de eficácia) que muitos críticos o atacam embora, não obstante, em muitos casos e em muitas situações, o AVA promova um serviço considerado melhor do que aquele oferecido nas salas de aula presenciais convencionais. Pode, até mesmo, superar as expectativas do aluno.

Afora a crítica quanto ao sucesso da EaD no tocante ao aluno e seu grau de comprometimento, as estatísticas apontam grandes vantagens ao estudante que se submete aos ambientes virtuais de aprendizagem. O aluno tem toda a liberdade de flexibilizar seus momentos de estudo a qualquer hora do dia, procurar fazer com que as atividades previstas para realização nos ambientes virtuais de aprendizagem sejam realizadas de acordo com o seu engajamento e ação no processo. Como afirma uma das alunas (Anexo 2) que redigiu um dos relatos utilizados neste estudo para verificar a eficácia da EaD, “a educação a distância é providencial para pessoas iguais a mim, porque esse tipo de estudo possibilita escolher nossos horários de estudo e dias”. Como os conteúdos programáticos estão disponíveis no AVA vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, os estudantes podem assistir às aulas em seu próprio ritmo.

Outra grande vantagem do AVA é a facilidade para estudar mesmo morando distante da sede física de ensino. Como as atividades são feitas, normalmente, via *online*, se houver energia elétrica no lugar ou um gerador e um microcomputador (*laptop*, *notebook* entre outros) o estudante, mesmo residindo em regiões de pouquíssima possibilidade de locomoção, poderá participar normalmente das atividades propostas. Ademais, a EaD – por meio dos ambientes virtuais de aprendizagem – favorece, da mesma forma, pessoas que estão incapacitadas por deficiências

físicas de se locomover para ambientes em que há aulas de caráter presencial. Um relato (Anexo 2), escrito por uma aluna, confirma esta observação sobre EaD: “Hoje, a EaD é a grande possibilidade de se fazer uma faculdade para aqueles que não tiveram oportunidade na juventude ou qualquer outra dificuldade”.

Uma excelente vantagem para quem estuda EaD é a economia financeira: o preço da mensalidade de um curso regular de Pedagogia, no setor privado, em São Paulo, gira em torno de R\$ 1.000,00. Para quem é de classe média baixa ou não é bolsista do FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), torna-se impossível graduar-se e profissionalizar-se nesta área com mensalidades tão altas se considerarmos a média de renda do brasileiro comum.

Por outro lado, as mensalidades dos cursos de EaD realizados nos ambientes virtuais de aprendizagem são muito mais acessíveis a todos porque a forma como eles são realizados (há economia na estrutura operacional e administrativa, espaço físicos, materiais, recursos humanos, mobiliários, entre outros) permite às instituições cedentes do serviço estabelecer um preço muito menor.

Uma situação, porém, supera todas as outras supracitadas quando se fala a respeito do processo de ensino-aprendizagem nos ambientes virtuais de aprendizagem: o conforto pessoal. No AVA, não há preocupação com salas de aula lotadas, como pode acontecer no ensino presencial. O estudante pode estar no conforto de sua casa e mesmo assim interagir com os professores e colegas do grupo de estudo. O estudante pode estar sentado em um banco de uma praça enquanto interage com professores e colegas de grupos de estudo.

Além de a EaD, através das TIC no AVA, proporcionar flexibilidade, facilidade para o estudo, economia financeira e conforto pessoal, como afirmam Maia e Matar (2007, p. 9), “a EaD democratiza e simplifica o acesso ao conhecimento, funciona como um mecanismo de justiça social”.

Como se ressaltou na Introdução, um dos fatores mais surpreendentes propiciados pelo assombroso desenvolvimento tecnológico do século XX é a capacidade superampliada de agir à distância. Agir, em qualquer acepção, implica movimento. Significa atuar, operar, funcionar, trabalhar, praticar, exercer, realizar, fazer produzir. Nesse contexto do agir, encontra-se a EaD, que, como todos os fenômenos da modernidade, requer muita reflexão e experiências que implicam decisões ligadas ao percurso, a seguir, à continuidade, à responsabilidade humana. E esses fatores determinarão, no futuro, as ampliações e reduções do uso da EaD em nossos dias.

Enfim, no ambiente virtual de aprendizagem, está contextualizada a efetivação das três formas de interação de que falam Moore e Kearsley (2010) para que faça sentido todo o processo de ensino e aprendizagem: interação aluno/conteúdo; interação aluno/instrutor; interação aluno/aluno.